



Arredores de São Paulo, 1942,
óleo sobre cartão, 34,3 x 43,5 cm,
Coleção Instituto Rebolo,
obra oriunda do MoMA - NY

ENSAIO VISUAL

REBOLÓ, A PAISAGEM E O MORUMBI

LISBETH REBOLLO GONÇALVES
ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: Este ensaio visual observa a produção paisagística do artista Francisco Reboló, no decênio de 1940, destacando trabalhos realizados, quando morava no bairro do Morumbi. Está relacionado à exposição que acontece, de 22 de setembro a 14 de novembro, na Fundação Maria Luisa e Oscar Americano.

PALAVRAS-CHAVE: Pinturas de Reboló, Morumbi, São Paulo, paisagem.

ABSTRACT: This visual essay examines the landscape production of artist Francisco Reboló in the 1940s, highlighting works he created when he lived in the Morumbi neighborhood. It is related to the exhibition that will take place from September 22 to November 14 at the Maria Luisa and Oscar Americano Foundation.

KEYWORDS: Paintings by Reboló, Morumbi, São Paulo, landscape

Rebolo veio morar no Morumbi no ano de 1942, mas desde 1938, vinha nos fins de semana para pintar, muitas vezes, em companhia de algum companheiro do grupo Santa Helena ou com o crítico Sérgio Milliet, que também se exercitava na pintura.

O artista se encantou com o aspecto rural do bairro, seu verde, as casinhas perdidas na colina. O Morumbi daquele tempo era pura paisagem. A região só possuía algumas chácaras e granjas. Não era um lugar para morar. Em São Paulo, a maior concentração de população estava na região entre a Praça da Sé, o Largo São Bento e o Largo São Francisco, estendendo-se a ocupação à Praça da República e aos Campos Elíseos, embora moradias de luxo já existissem na Av. Paulista.

A Mooca, bairro em que morava a família de Rebolo desde que veio da Espanha para o Brasil, tornara-se um bairro com fábricas. Desde meados do séc. XIX em diante, este fenômeno ali se adensou e o bairro foi sendo habitado, especialmente, por imigrantes espanhóis e italianos. Tornou-se um bairro operário.

Rebolo trabalhava no centro, desde 1935, tinha seu escritório de decoração e seu ateliê, na Praça da Sé, no edifício Santa Helena, onde se formou o Grupo de mesmo nome.

A paisagem lhe interessava não só como tema de pesquisa, mas também na perspectiva ecológica. Sair do centro ou da Mooca onde predominavam as fábricas, para vir ao Morumbi era abrir-se ao contato íntimo com a natureza, algo necessário para ele. Veio morar no bairro. Na sua produção, a paisagem tornou-se algo visceral. Ao longo da trajetória artística, nunca abandonou esta temática.

Mario Schenberg no texto que escreveu para o catálogo da retrospectiva do artista no MAM de São Paulo, em 1973, disse que a simbiose com a natureza, fez de Rebolo “um pintor do futuro”, que antecipou uma questão crucial já daquele momento e do futuro: valorizar a natureza.

Para Schenberg, nos anos 1970, via a necessidade de “uma nova aproximação com a natureza, da qual há séculos nos afastamos”. Este reencontro já era “questão de sobrevivência”.

Schenberg observou que, da obra de Rebolo, emanava “uma vibração vital da natureza, sua arte era, para ele, mágica, era apreensão do tempo-vida” (SCHENBERG, 2002).

Estudiosos da Paisagem como Denis Cosgrove nos mostram que ela representa um modo de ver. É um modo pelo qual representamos para nós mesmos e para os outros o mundo à nossa volta e nossa relação com ele. A paisagem é um modo de ver que tem a sua própria história, mas a sua história só pode ser entendida como parte de uma história social e econômica; uma história que tem seus próprios pressupostos e consequências, suposições cujas origens e implicações se estendem além do uso e da percepção da terra. Uma história que tem suas técnicas de expressão, técnicas que se dividem com outras áreas da prática cultural (COSGROVE, 1998).

A paisagem aparece como um código social e signo distintivo de pessoas que se reconhecem na prática de compartilhar lugares emblemáticos, de representação tópica. A paisagem interessa às ciências humanas em

geral. É tema de indispensável estudo na História da Arte, na Filosofia, na Geografia, está presente nas teorias sociológicas, antropológicas e arqueológicas. Vale lembrar que é o homem da cidade que define a paisagem (seu outro) e que, na ecologia moderna, a consciência da paisagem se inscreve, como já observava Schenberg, no debate da preservação do planeta.

Rebolo e o Morumbi conectados pela natureza. exposição apresentada até o dia 14 de novembro na Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, na avenida Morumbi 4077, de terça a domingo das 10 às 17h30.



Sem título,
 década de 40,
 óleo sobre tela,
 40 x 50 cm,
 ass. c.i.d.,
 Coleção Cecilia
 Ciampolini.
 Cortesia
 Instituto Rebolo



Paisagem Morumbi,
 década de 40,
 óleo sobre tela,
 40 x 50 cm,
 Coleção Instituto
 João Ataliba de
 Arruda Botelho.
 Cortesia
 Instituto Rebolo



Arredores de São Paulo, 1942, óleo sobre cartão, 34,3 x 43,5 cm, Coleção Instituto Rebollo, obra oriunda do MoMA - NY



Morumbi, 1944, óleo sobre tela, 40 x 50 cm, Coleção Silvia Velludo e Marcelo Guarnieri. Cortesia Instituto Rebollo



Sem título, 1944,
 óleo sobre tela,
 33 x 41 cm,
 ass. c.i.d.
 Coleção Silvia
 Velludo e Marcelo
 Guarnieri. Cortesia
 Instituto Rebollo



Picnic na residência Rebollo,
 1948,
 óleo sobre tela,
 52 x 58 cm,
 Coleção Particular -
 São Paulo. Cortesia
 Instituto Rebollo

REFERÊNCIAS

COSGROVE, Denis. *Social Formation and Symbolic Landscape*. Madison, 1998, pp.13-24.

GONÇALVES, Lisbeth. Rebolo e o Morumbi. *Catálogo* da Mostra Rebolo e o Morumbi, Fundação Oscar Americano/ Instituto Rebolo, setembro de 2024, p.6.

SCHENBERG, Mario. Dados para um Balanço Crítico in *Rebolo*, São Paulo, Edusp, 2002, p.181.

LISBETH REBOLLO GONÇALVES

Mestre e Doutora pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.. Com bolsa do programa USP-COFECUB, realizou pesquisa sobre Cenografia de Exposições de Arte na França e no Brasil. Professora da Faculdade de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil, lecionando cursos de graduação e pós-graduação, orientando alunos de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Na pós-graduação, professora do PROLAM - Programa de Estudos Latino-Americanos e do Programa de Estética e História da Arte. É pesquisadora de arte desde 1977 e curadora de exposições desde 1994. Atuou na direção do Museu de Arte Contemporânea da Universidade

de São Paulo, de 1994 a 1998 e de 2006 a 2010. Foi presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte ABCA de 2000 a 2006 e de 2010 a 2016; vice-presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte AICA, de 2006 a 2008 e de 2010 a 2012; Publicou diversos livros, tem ensaios publicados em catálogos de exposições e artigos em jornais e revistas especializadas. Recebeu prêmios por seus livros e pela curadoria de exposições. É Assessora editorial da revista ArtNexus e atua como editora internacional da Revista *Arte & Crítica* da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Eleita Presidente Honorária da Associação de Críticos de Arte - AICA em 2023;